

Resenha

BOLLE, Willi; CASTRO, Edna; VEJMEKKA, Marcel. **Amazônia: região universal e teatro do mundo**. São Paulo, Globo, 2010.

Ellen Caroline dos Santos **Silva**¹¹

O livro “Amazônia: região universal e teatro do mundo” é dividido em três partes, compostas por 12 trabalhos, escritos por diversos autores que partem de uma perspectiva multidisciplinar para abordar aspectos históricos, econômicos, sociais e culturais da Amazônia. É fruto de um seminário organizado por Willi Bolle que juntamente com Edna Castro e Marcel Vejmekka resolveram editar as conferências em forma de livro. Segundo os autores, “região universal” e “teatro do mundo”, foram inspirados na ideia de “literatura universal” de Goethe e na metáfora do “Grande Teatro do Mundo” de Calderón, pois a região é uma metáfora no sentido de ser um “bastidor”, um bioma único que interfere em todo o planeta pensado como o “teatro”. É, principalmente, responsável pelas chuvas do mundo todo, funciona como um pulmão, e ainda assim é fonte de exploração dos recursos naturais. O objetivo principal dos autores é mostrar que as relações de poder são fruto da construção de um imaginário econômico, social e político criado na colonização, e que ainda são expressas na atualidade (BOLLE et all, 07;2010).

Na primeira parte “Convenções, viagens, etnografias” é composta por três ensaios, os quais tratam das expedições de colonizadores, missionários e de antropólogos, para mostrar os processos de “descobrimento”, contato com os povos nativos e de tradução dessas experiências realizada por Paul Ehrenreich (1889), Tastevin e Curt Numuendaju.

No primeiro ensaio Bolle mostra a primeira expedição da Amazônia, 1541-1542, comandada por Francisco Orellana. Reconstitui o percurso da viagem da travessia da Amazônia para, em seguida, contar como ocorreu expedição espanhola comandada por Orellana que adentrou os caminhos dos rios amazônicos. Narra as peripécias de Orellana na empreitada de desbravamento da floresta e do contato com as populações indígenas, marcadas pela “luta por comida” e combates violentos. É importante ressaltar que a navegação mostra-se como um marco inicial do processo de conquista, na qual foi fundamentada a mitologização dos povos e a criação de um imaginário mítico, a partir, principalmente, da disseminação das batalhas contra as Amazonas. Para dar continuidade a esse descobrimento da região, Tiemann reconstitui a viagem realizada por Paul Ehrenreich pelo rio Purus, acentuando a posição dele em relação aos povos autóctones. No diário relata, a partir da perspectiva eurocêntrica, como eram as aparências, como se davam as trocas, as práticas e os hábitos. A primeira parte é finalizada com um relato sobre o trabalho de Tastevin, o missionário e Curt Numuendaju, o antropólogo, que estavam vinculados

¹¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia – PPGSA pela Universidade Federal do Pará – UFPA.

ao Serviço de Proteção ao Índio, e se destacaram pelo trabalho (ou a preocupação) com a tradução cultural das concepções indígenas.

A segunda parte “Dinâmicas econômicas, políticas e sociais na Amazônia Contemporânea”, enfatiza os processos de elaboração do mito do Eldorado, das formas de colonização europeia e o estabelecimento do regime de conversão ao cristianismo. Edna Castro mostra, a partir de uma análise crítica, os impactos das conquistas das terras e da mitologização da região na Amazônia contemporânea, pensando o mito como um recurso de poder para legitimar a conquista e que ainda fundamentam os projetos de modernização, a qualquer custo, da mineração, hidroelétricas, agronegócios etc... que objetivem a expansão do capitalismo e a deslegitimação das populações tradicionais, aspecto ressaltado pela autora como neocolonialismo. Para dar continuidade à discussão Arsenic mostra a relevância de pensar os problemas da Amazônia para além das questões ambientais e considerar as populações locais, indígenas e não-indígenas na importância de garantir o modo de vida das gerações presentes e futuras. Para tanto, retrata o modo de vida de duas comunidades ribeirinhas do rio Negro e dos assentados ao redor de Presidente Figueiredo que fazem uso dos recursos naturais e quais as suas perspectivas na região. Segundo o autor, a principal contradição está no interesse nacional e internacional de proteção ambiental, que cria leis ambientais cada vez mais específicas, em relação às comunidades ribeirinhas que ficam com a possibilidade de sobrevivência limitada a partir dos parâmetros impostos. O artigo apresenta dados estatísticos sobre a sociodemografia das comunidades, com o objetivo de mostrar os diferentes modos de interação com os ambientes e os modos e estratégias de sobrevivência, para ilustrar que apesar de próximas as comunidades amazônicas são heterogêneas. Na comunidade do rio Negro, as principais atividades econômicas são a pesca e o extrativismo, enquanto em Presidente Figueiredo a posse da terra é o fator mais importante.

Morin e Acevedo revelam como se dão processos de desterritorialização que, segundo os autores, são um conjunto de medidas designadas como “agroestratégias”, com o objetivo de atender a interesses empresariais vinculados ao agronegócio para incorporar novas terras aos seus empreendimentos econômicos (141; 2010). Para tanto, mostram projetos de lei que objetivam redefinir a área da Amazônia Legal, com a retirada dos estados de Mato Grosso, Tocantins e parte do Maranhão, para a expansão da pecuária e cultivo de soja, cana de açúcar e eucalipto. Um projeto objetiva a redução de 80% para 50% da área nativa de qualquer imóvel rural da Amazônia, assim como evidencia a liberação de crédito para quem pratica crimes ambientais. Essa redução de fronteiras com o objetivo de mercantilização das terras para estrangeiros, assim como a medida provisória que legaliza aqueles que ocuparam terras ilegalmente no passado e no presente são algumas estratégias de dominação que visam atender aos interesses que mantem estruturas desiguais de poder, mas que incidem de forma negativa na vida, principalmente, de várias populações locais e do mundo, de forma geral.

Pressler (2010,161) propõe uma reflexão sobre “os discursos das agências de cooperação internacional que estabelecem suas intervenções junto a comunidades tradicionais na Amazônia, a partir de 1990”. Segundo a autora, essas intervenções buscam a criação de mecanismos, através do empreendedorismo e geração de renda tendo como base negócios sustentáveis, para o combate contra a pobreza e a preservação da natureza. Em seguida, faz um breve relato sobre a criação de imaginários, situando no tempo, fala dos discursos midiáticos referentes a Amazônia nos quais tem “predominado um imaginário relacionado a temática ambiental. Esse imaginário simbólico tem apresentado a Amazônia como “exótica, terra incógnita, eldorado, paraíso e natureza intocada” (162; 2010). A ideia de vazio demográfico ocupou o imaginário coletivo. A frase que melhor representa esta ideia é a de que a Amazônia “são terras sem homens para homens sem

terra”. Nos anos 80, o imaginário constituído foi da “Amazônia queimando e dos índios desaparecendo”. Nos anos 90, o tema que mais teve atenção foi o do desmatamento, e a partir de 1995 surgem as vertentes de desenvolvimento sustentável. De acordo com a autora (2010;68) a “a floresta Amazônica transformou-se em um símbolo no campo ambiental ocidental”, nesse contexto, torna-se um espaço de investimentos e implementação de programas, aliados a Universidades na promoção de pesquisas que buscassem o desenvolvimento tecnológico, assim como, a participação de ONGs e movimentos sociais. Faz uma análise sobre o discurso de “economia globalizada” e mostra como ocorrem os processos de cooperação internacional: Cooperação técnica, Cooperação científico-tecnológica, Cooperação financeira.

Por fim, a terceira parte trata de análises de obras literárias. O primeiro ensaio é sobre uma história de ficção, “Through the arc of the rain forest” de Karen Tei Yamashita, que envolve o lúdico. O romance inicia no Japão e se desenvolve na região amazônica, envolvendo história e imaginários mágicos. O trabalho seguinte fala sobre Dalcídio Jurandir e sua obra, enfatizando o reconhecimento do autor no âmbito nacional e internacional. Traz análises minuciosas das obras do autor e dos seus impactos nacionais e internacionais. O penúltimo ensaio traz imbricações conceituais da obra “ O homem sem qualidades”, de Robert Musil. Por fim, Bernauer, trás a experiência de retratar as questões da região amazônica através da ópera: numa parceria com a Alemanha criaram um projeto de ópera multimídia sobre a Amazônia e retrata toda a execução do projeto, numa relação estrita com Davi Kopenawa e com os grupos yanomamis.

A obra “Amazônia: região universal e teatro do mundo”, nos remete ao pensamento latino americano de Walter Mignolo, Aníbal Quijano e Enrique Dussel, pois retrata os imaginários criados sobre a Amazônia e os seus reflexos na sociedade contemporânea, pois eles tratam da condição pós-colonial, por meio do projeto modernidade/colonialidade, empreendido pela noção de “giro decolonial”. Com base em uma teoria crítica, trata-se, principalmente, de uma crítica às concepções dominantes da modernidade, pois, o colonialismo engendrou matrizes a partir das quais se construíram estruturas de dominação, de poder, de saber e de ser, nas múltiplas sociedades humanas.

Em especial, principalmente, por não ter acontecido uma relação de troca, mas foi estabelecida uma relação antagônica entre o colonizado e colonizador: de assimilação dos “selvagens” das terras distantes, como incivilizado, não-humano, sem cultura para legitimar a criação de um padrão eurocêntrico global, como justificativa para se remediar o que se sabia desses povos colonizados (Césaire, 1950), foi criado um imaginário que inferioriza e desumaniza total ou parcialmente determinadas populações tendo em vista uma ordem global de exploração. Essas medidas autoritárias contribuíram de forma decisiva para surgimento da modernidade, a partir do poder colonial, produto não de um encontro, mas de um conflito colonial realizado por meio da violência, exploração, opressão e a imposição de uma noção específica de civilização, Homem, raça, cristianismo, família e desenvolvimento. Dessa forma, colônia é o elemento central para a construção da modernidade, pois é através dela que o pensamento de anulação do Outro é construído (Quijano, 2000; Dussel, 2000,2004; Mignolo, 2003, 2007).

Por esses motivos grandes confusões foram suscitadas, primeiro, porque a história não foi vista no seu conjunto e nas interligações entre as diversas regiões, segundo, porque a modernidade eurocêntrica é só uma perspectiva dentro de uma multidão de modos de vida, culturas e saberes. Como mostra o pensamento decolonial, não existe apenas uma modernidade, pois ela se constrói em um conjunto de espaços, perspectivas e possibilidades, no qual a diversidade pode ser contemplada (Dussel, 2004).

Um traço muito importante da condição pós-colonial na América latina, principalmente na Amazônia, é a desconstrução de um imaginário criado pelos europeus no qual silenciou os povos indígenas, negros e mulheres, no sentido de formação de novas perspectivas sobre si mesmo e a sociedade. Existem outras modernidades fora desse eixo central, a Europa. Mignolo (2008,p. 258) afirma que a genealogia do pensamento decolonial é planetária e não se limita a indivíduos, mas incorpora nos movimentos sociais”, como, por exemplo o movimento sem terra no Brasil, bem como, movimentos indígenas e afros.

O pensamento eurocêntrico está baseado em uma série de privilégios que legitimaram o que foi falado do Outro, dos colonizados. A perspectiva do pensamento decolonial é um processo de autoconhecimento da história, da cultura e da afirmação de uma identidade, que foram violentamente apagadas, sem suprimir ou apagar a modernidade europeia.

Assim, tais análises se viram obrigadas a demarcar rigidamente a fronteira de onde o pensamento foi negado, buscando compreender as transformações do mundo, re-pensando o reducionismo simplista legado e imposto pelos pensadores europeus e norte-americanos, nos fazendo pensar em outras perspectivas teóricas e para a tomada de atitudes, para se buscar a liberdade e se livrar dessas amarras impostas e importadas, se autoreconhecendo, autoafirmando, descobrindo uma identidade própria.

REFERÊNCIAS

CESAÍRE, Aimé. **Discurso sobre el colonialismo**. In: *Discurso sobre el colonialismo*, 2006, pp. 13-43.

smodernidad”. In: Saurabh Dube, Ishita Banerjee y Walter Mignolo (eds). *Modernidades coloniales*. México: El colegio de México. 2004. Pp.201-226.

DUSSEL, Enrique. **Europa, modernidade y eurocentrismo**. In: Edgardo Langer (ed.), *La colonialidad del saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino americanas*. Buenos Aires, CLACSO, 2000,pp. 41-43.

MIGNOLO, Walter D. **El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura um manifesto**. In : SANTIAGO Y GROSFOGUEL (org.). *El giro decolonial: reflexiones para uma diversidad más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre editores, Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidade Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

MIGNOLO, Walter. **Um paradigma outro: colonialidade global, pensamento fronterizo y cosmopolitismo crítico**. In: *Historias locales-doseños globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Madrid: Akal. 2003, pp. 19-60.

QUIJANO, Aníbal. **“Colonialidade del poder y clasificación social”**. *Journal of world-systems research*, v.11, n.2, p.342-386, 2000